

FESTAS MUNDIAIS E ESTRATÉGIAS METROPOLITANAS: O FÓRUM UNIVERSAL DAS CULTURAS 2004 EM BARCELONA¹

PATRICE BALLESTER

Université de Pau et des Pays de l'Adour

patrice.ballester@gmail.com

“Na maioria dos países do mundo, notadamente na Europa, à medida que progressam a mundialização e a descentralização territorial dos poderes, os eventos festivos, novos ou renovados, tornam-se pois instrumentos localizados, francamente políticos. As mensagens ideológicas que eles transmitem através de suas formas espaciais e no ritmo de suas sequências temporais, ganham seu conteúdo na ação e no projeto político. De agora em diante, estes eventos falam abertamente de coesão e de mistura, ao mesmo tempo social e étnica. Sugere que o sentido escondido e contestador que fazia outrora o charme de muitas das festas perde terreno em proveito de um propósito mais loquaz e de uma vontade política bastante evidente” (DI MÉO, 2005, p. 233).

“É preciso colocar as pedras levando em conta as notáveis realizações do passado, as intenções do dono da casa e as nossas próprias idéias. [...] Não procure imitar os mestres antigos. Busca o que eles não buscaram (LESAKUTEIKI, século XI, Japão).

Mutações são observadas na organização, nos fundamentos ideológicos e nos resultados previstos ou evidentes das festas mundiais, quer se trate das exposições universais ou internacionais, da Capital europeia da cultura ou dos Jogos Olímpicos. As festas turísticas mundiais conhecem transformações notáveis em razão dos efeitos da mundialização sobre as culturas, sobre os comportamentos dos participantes, sobre as novas intenções dos promotores do evento e sobre o projeto urbano que o acompanha. O exemplo de Barcelona e

¹ Traduzido do francês por Rafael Faleiros de Padua. Revisão da tradução: Paul Claval.

Para aqueles de Aragão, de Tamarite de Litera. O autor agradece e dedica este artigo a Manuel Guàrdia Bassols (Prof. UPC – Barcelona).

de seu Fórum Universal das Culturas realizado no verão de 2004 nos permitirá evidenciar a hibridação que as festas mundiais sofrem em sua forma e em seu conteúdo. Este estudo de caso apóia e ilustra nosso raciocínio. Estas festas gigantes devem corresponder a numerosas expectativas que a prática da catarsis e das reações suscitadas pelas próprias festividades vem às vezes questionar em um imaginário turístico distorcido (AMIROU, 2000) e projeção fantasmagórica da sociedade ideal (MARIN, 1974, p. 8). É verdade que no espírito de seus promotores, a festa deve muitas vezes servir para conciliar e para cristalizar numerosos projetos: qualidade de vida, planejamento [*aménagement*] do espaço turístico e político identitário regional de reconhecimento. Isso é verdadeiro, sobretudo para as cidades do sul da Europa. Ora, a realização do conjunto destas variáveis não é auto-evidente.

O Fórum Universal das Culturas é organizado pela Municipalidade de Barcelona, pela Generalidade, pelo Governo espanhol e pela UNESCO entre 9 de maio e 26 de setembro de 2004. Durante 141 dias, o parque do Fórum acolhe debates, festivais, espetáculos de ruas, acrobatas, comunicações de intelectuais, exposições sobre a arte, assim como atividades pedagógicas e culturais sobre o meio ambiente urbano, o desenvolvimento sustentável e as condições da Paz. Esta manifestação cultural, turística e festiva nos diz muito sobre uma cidade considerada como a Meca do urbanismo (MANGIN, 1992).

Um olhar crítico nos revela as dificuldades encontradas pela capital catalã na preparação da festa. Esta nos esclarece sobre evolução das festas mundiais. Novos espaços públicos e uma nova identidade cultural urbana emergem, graças a uma sacralização quase pagã de periferias degradadas ou de grandes áreas urbanas abandonadas [*friches urbaines*] nas cidades européias. Graças à festa, estes territórios dão à luz pedaços de cidade atípicos; faltam-lhes, às vezes, legitimidade ou lógica, na medida em que eles vão ao encontro do espírito do lugar: é o caso do bairro Diagonal-Besós. Temos aí uma nova referência para uma urbanidade barcelonesa em plena recomposição. Seu futuro pode ser assegurado através do prisma da festa, de seu significado e de suas consequências?

Nossa proposta se estrutura em três etapas:

Primeira etapa. É conveniente se questionar igualmente sobre as novas formas de fazer a festa ou de promover a cidade pela festa. Isso ilumina a cons-

trução ideológico-simbólica destes eventos planetários – e de nosso Fórum: as festas mundiais sempre são, verdadeiramente, festas? Não são elas simples alavancas de marketing urbano cuja única finalidade é fabricar a cidade do século XXI, o que apaga com isso seu caráter espontâneo e alegre? Fraquezas correm o risco de aparecer. O fato de tomar temáticas do desenvolvimento sustentável como armadura ideológica da programação da festa tornou-se um quadro fácil para os organizadores, mas muito arriscado no longo prazo.

Segunda etapa. Da estrutura do cotidiano à estrutura da festa, há toda uma série de fases intermediárias. É preciso pensar as infra-estruturas por aquilo que elas possam servir ao mesmo tempo à festa e no futuro, como centro de congresso ultra moderno destinados a captar um turismo de negócios. Busca-se assim, ao mesmo tempo, planejar a cidade para e pelo turismo, conciliando eficácia, meio ambiente recuperado, e as aspirações dos habitantes.

Terceira etapa. Para decifrar estas manifestações gigantes, é conveniente considerar o jogo das temporalidades maiores e menores das metrópoles europeias (TOMAS, 2003). Estas temporalidades ressaltam o processo de esquecimento nos legados da herança prestigiosa que as festas deixam aos novos espaços públicos. Elas realçam igualmente o peso das dívidas (outra grande problemática inerente a estas manifestações). Para compreender a valorização patrimonial pelos supostos efeitos duráveis do efêmero, o mosaico urbano onde se insere o bairro renovado deve ser levado em consideração.

O conjunto destas análises nos permitirá fazer um balanço das imagens positivas e negativas resultantes desse processo para Barcelona.

AS NOVAS FORMAS DE FAZER A FESTA NAS CIDADES EUROPÉIAS: DA DIFÍCIL CONSTRUÇÃO IDEOLÓGICO-SIMBÓLICA DO EVENTO PLANETÁRIO.

Novas festas para novos objetivos? Entre permanências e mutações, constatamos que o que caracteriza a organização das festas mundiais gigantes é muitas vezes um contexto urbano frágil em oposição a um contexto econômico nacional próspero ou supostamente próspero (EVANS, 2004). Em uma situação sócio-econômica incerta em consequência ao aumento da dívida municipal e da crise sistêmica que nós vivemos, assim como ao início da especulação

imobiliária na Espanha (fim dos anos 90), os atores municipais europeus, assim como as autoridades barcelonesas, analisam as diferentes oportunidades de organização de grandes eventos festivos que se apresentam a suas metrópoles. Eles se baseiam sobre uma herança urbana prestigiosa, como fonte de inspiração para reinventar um *marketing* urbano global (parágrafo 1.1).

Os JO de 1992 e o Fórum 2004 se inscrevem nos movimentos fundantes de conceituação e de regeneração de alguns bairros da capital catalã, mas os organizadores desta última manifestação devem se remeter a novas práticas dos eventos/festivas para justificar seu discurso e a nova prática turística que ele supõe, se baseando em diversas manifestações internacionais. É um ato ao mesmo tempo político e identitário em ligação com o regionalismo exacerbado que então reina. Isso reforça os valores centrais do grupo para melhor confortar o poder daqueles que defendem esse projeto, se servindo do alibi do desenvolvimento sustentável (parágrafo 1.2).

Os trunfos da cidade de eventos européia: em busca da manifestação mundial para Barcelona.

Na escala planetária, as exposições universais e internacionais, assim como os Jogos Olímpicos são duas práticas festivas inventadas pela Europa (Pierre de Coubertin em 1896 e o príncipe Albert de Saxe-Cobourg-Gotha da Inglaterra em 1851 com a ajuda da câmara de comércio). Elas são atualmente retomadas por um outro país, uma outra civilização, a China, em 2008 para os JO de Pequim e 2010 para a exposição universal de Xangai; isso nos mostra o poder de projeção destas manifestações: são potentes vetores de marketing urbano, eventos *premium* por excelência. Podemos fazer a mesma observação para as Capitais européias da cultura, que encontram uma correspondência nos Estados Unidos. O impacto direto destes grandes eventos festivos é reforçado por aquele dos direitos televisivos que os geram: mais de 1,7 bilhão de euros para Pequim 2008 com 4,5 bilhões de telespectadores. Ela resulta também do número de visitantes, 73 milhões para Xangai 2010.

Nos últimos 20 anos, as cidades da península ibérica tentaram se beneficiar do dinamismo assim induzido: uma Olimpíada em Barcelona em 1992, uma exposição universal em Sevilha em 1992, duas exposições internacionais em Lisboa em 1998 e Saragoça em 2008 e em 4 Capitais da Cultura, Madri em 1992 (para contrabalançar os JO de Barcelona), Santiago de Compostela

em 2000, Porto em 2001 e Salamanca em 2002. É preciso também considerar uma nova manifestação híbrida: o Fórum 2004 em Barcelona.

A capital catalã tenta na verdade criar novamente o evento mundial para se recolocar em destaque. Seu problema é o de convencer as autoridades detentoras do selo de certificação em escolher Barcelona. É preciso evidentemente considerar suas exigências, sem perder de vista os interesses dos Barceloneses, dos Catalães e dos turistas atraídos pela manifestação. As tradições locais constituem um argumento de peso. O Fórum Universal das Culturas 2004 resulta assim de um arranjo entre imitação de práticas festivas e turísticas contemporâneas e lançamento de novas. Ele se funda sobre diversas alianças formais, informais e aleatórias.

Em um primeiro momento, o grupo de pressão dos eurodeputados catalães e a forte presença de delegações regionais espanholas em Bruxelas parece facilitar a aproximação da União Européia como interlocutor privilegiado. Após os Jogos Olímpicos de 1992, a prefeitura de Barcelona pede para ser designada como Capital Européia da Cultura em 2002. É um evento cujo impacto é forte graças às infra-estruturas que ele demanda, e que servem de catalisadores no plano cultural, econômico e criador – mas não é superestimado por seu efeito (PALMER, 2004; GRÉSILLON, 2010)? É por uma exposição-manifesto, «*Barcelona New Projects*», de 1995 e através do plano diretor da Diagonal Mar (novo bairro não distante das margens do Besós, situada na periferia da capital catalã), que as autoridades barcelonesas apresentam à Comissão européia uma demanda para tornar-se capital européia da cultura (AJUNTAMENT DE BARCELONA, 2004). Mas este projeto se encontra em minoria mesmo dentro da Espanha. Argumentando com o fato de que somente 9 anos separam um mega-evento como os Jogos Olímpicos de uma hipotética Capital européia da cultura prevista para 2002, o governo madrileno recusa. É necessário deixar às outras capitais regionais espanholas a possibilidade de organizar, por sua vez, esta manifestação.

Outra organização não governamental fortemente solicitada nos anos 93-98 pelas metrópoles européias: o BIE, o *Bureau International des Expositions* (2011) [Escritório Internacional das Exposições], como testemunham seus arquivos. Ele recebe a visita do prefeito de Barcelona, Pasqual Maragall e dos colaboradores de Joan Clos. A tutela parisiense, única a poder decidir a programação de uma exposição universal ou internacional, exerce uma autoridade re-

conhecida na organização das festas mundiais. Ela soube se adaptar aos novos valores da mundialização (GALOPIN, 1997 – antigo diretor da instituição). Ela recebe a visita de uma delegação barcelonesa associada aos delegados gerais representantes da Espanha no BIE para saber se é possível organizar novamente uma exposição internacional com orientação universalista, no quadro de uma grande política de regeneração urbana. A prefeitura lembra os precedentes da exposição universal de 1888 e da exposição internacional de 1929 (ver figura 1).



Fonte: Comitê de organização da exposição, álbum oficial, 1929.

Figura 1: Vista aérea da exposição internacional de 1929 Montjuïc

Os obstáculos são numerosos. Segundo o testemunho da Sra. Leyrat², Barcelona e a Espanha não podem se ver novamente incumbidas de uma exposição internacional por causa de Sevilha 1992 e da muito recente manifestação andaluza. Isso iria de encontro aos regulamentos do BIE que prevê uma rotação por continente ou, ao menos, um intervalo razoável entre duas manifestações em um mesmo país (BIE, 2000).

As autoridades Barcelonesas se veem explicitamente interdidas de empregar os termos «exposição – exibição» para seu futuro Fórum, sob pena de ver a Espanha excluída do *Bureau Intenational des Expositions* e de sanções finan-

² Entrevista com Sra. Leyrat (Secretária geral do BIE) e Sra. Toiron – serviço de documentação-Arquivos do BIE em 11/04/07.

ceiras no plano internacional. Barcelona alimentou sempre a esperança secreta de receber uma grande exposição nos próximos trinta anos sobre os flancos de Montjuic.

Barcelona se encontra freada em seu ímpeto para organizar uma grande manifestação. Ela vai, então, inventar e se volta para isso na direção da UNESCO: esta, e graças à delegação espanhola em Paris, vota a criação de uma nova manifestação internacional: um Fórum das Culturas. É portanto o terceiro organismo ao qual a cidade catalã demanda para organizar e mesmo de criar a partir do zero uma festa mundial. O Fórum Barcelona 2004 começa a tomar forma e se apresenta como o quadro ideal para uma reflexão comum sobre a maneira de aproveitar, em vista do desenvolvimento da cidade, de novos modos de relação, de comunicação e de troca do qual o turismo de massa e de negócios é um revelador em escala mundial.

A estrutura da nova festa Fórum em Barcelona: entre desenvolvimento sustentável e regeneração urbana de um bairro

Os responsáveis do projeto centram rapidamente os debates em três temas principais concernindo o futuro da humanidade:

o Fórum será balizado pela diversidade cultural, pelo desenvolvimento sustentável e pelas condições da paz. Os domínios ligados à estes três grandes eixos não estão isentos de controvérsias e suscitarão sem dúvida debates durante os quais serão confrontados pontos de vista opostos. O Fórum se define como um espaço aberto às divergências de opinião (FÓRUM UNIVERSAL DE LES CULTURES, 2002, p. 24).

Estas primeiras intenções não foram modificadas. O tema da mundialização é orientado pela idéia do «viver junto» em um mundo global. Duas citações da Agenda dos princípios e valores esclarecem as ambições do projeto:

Face à crise atual, é urgente, com a mesma força e a mesma compaixão que em 1945, proceder a um balanço profundo e restabelecer os ideais que tornaram possível a criação das Nações unidas e da UNESCO, afim de tornar mais humanos nossos comportamentos, de reduzir as diferenças, de respeitar a diversidade – que constitui nossa riqueza – e de encorajar a união – que faz nossa força – para afrontar as questões incontornáveis do próximo século”. (FÓRUM UNIVERSAL DE LES CULTURES, 2002, p. 25).

O Fórum será uma festa/exposição que podemos qualificar de global graças a seus temas: ela incitará as pessoas de todos os lugares a vir a Barcelona. O Fórum respeita ao mesmo tempo a nova Barcelona e seu famoso direito

à urbanidade: democracia local, espaços públicos de qualidade para todos e respeito das diferenças em um crescimento econômico rentável para toda a população. No entanto, assistimos ao que poderíamos qualificar de desvio de uma manifestação pura e simples. O Fórum 2004 é um arranjo que responde à necessidade de uma legibilidade mundial: será um Fórum e não uma exposição universal; não será o Fórum de Davos ou aquele de Porto Alegre; ele chamará discussões intelectuais sobre os grandes desafios que o mundo deve enfrentar (ver quadro) (BCN, 2004).

Quadro 1: As inspirações do Fórum – Exposição, FSM Porto Alegre, Fórum de Davos

	UMA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL	UMA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL	O FÓRUM DAVOS SUÍÇA	O FÓRUM PORTO ALEGRE BRASIL	O FÓRUM BARCELONA 2004
NOME OFICIAL	Exposição Internacional Registrada	Exposição Internacional Reconhecida	O Fórum Mundial Econômico de Davos	O Fórum Social Mundial de Porto Alegre	Fórum Universal das Culturas Barcelona 2004
FREQUÊNCIA	Em princípio a cada cinco anos	Em princípio, no intervalo de duas exposições registradas.	Todos os anos	Todos os anos	Primeira manifestação que se pretende gênese de uma nova prática internacional.
DURAÇÃO	6 meses no máximo	3 meses no máximo	Cinco dias	Variável de uma semana a um mês	5 meses.
SUPERFÍCIE	Sem restrição	25 hectares no máximo	Estação turística de Davos	Uma grande cidade do Sul com capacidade de acolhimento	De 24 hectares

PARTICIPANTES MODALIDADES DE VISITA E DE ENTRADA	População mundial. Entrada pagante de 35 a 80 euros em um recinto fechado com um circuito oficial.	População mundial. Entrada pagante de 35 a 60 euros em um recinto fechado com um circuito oficial.	Entrada por convite, 2000 pessoas, presidentes de empresas, FMN.	Por volta de 20000 participantes, associações, sindicatos, ONG.	População mundial. Entrada pagante de 35 a 60 euros em um recinto fechado. Passou a 25 euros para a meia-diária a partir de agosto de 2004
TIPO DE INFRA-ESTRUTURAS	Pavilhões nacionais: Um arquiteto, um pavilhão, uma nação, uma bandeira, uma idéia/um tema. Construção de reponsabilidade dos países e/ou do organizador.	Cinco ou seis grandes pavilhões temáticos: De responsabilidade do organizador, cidade/Estado anfitrião, que pode convidar ao interior dos pavilhões uma ou mais nações a exporem.	Um pavilhão principal, anexos	Um pavilhão principal, anexos	Cinco grandes pavilhões/ A construção dos pavilhões é de responsabilidade da cidade de Barcelona, permitindo considerar convites específicos como a exposição dos guerreiros Xiang proveniente da China.
TEMÁTICA	Geral mas com apelo para o grande problema do mundo relacionado com o desenvolvimento sustentável e a paz entre as nações.	Especializado mas com apelo para o grande problema do mundo relacionado com o desenvolvimento sustentável e a paz entre as nações	Especializado sobre a evolução da economia mundial	Especializado sobre a evolução dos trabalhadores e populações	Especializado destacando as condições da paz, o Desenvolvimento Sustentável e a diversidade cultural.

Jordi Pujol, antigo presidente da Generalidade, Narcís Serra, um dos antigos prefeitos de Barcelona e membro fundador do pequeno grupo da candidatura dos JO, ajudado por Federico Mayor Zaragoza, membro da UNESCO,

encaminharam o projeto para esta última com o impulso político de Pascal Maragall e Joan Clos, escolhendo a data de 2004, para permitir a concomitância entre a festa mundial e a requalificação avançada do bairro do Besós e da Mina (de grandes conjuntos habitacionais, nas proximidades). Em suma, uma festa para sacralizar um lugar improvável e para o tornar desejável e atrativo. Em 25 de abril de 1997, o conselho municipal escolheu a foz do Besós e a principal estação de depuração da cidade como zona de recepção da manifestação. O objetivo desta manifestação concorrente dos JO ou das Exposições universais ou internacionais é um grande “*happening*” internacional (segundo o texto) onde se pratique uma mistura (*Mezcla*), para Pasqual Maragall, os gêneros permitindo “a celebração de um grande evento para comemorar o 75º aniversário da Exposição internacional de 1929” (EL PERIODICO, 1996). O Fórum é um misto das diversas formas e dos diversos procedimentos de exposição de uma cidade. Seu objetivo é passar por um marketing e uma comunicação; ele coloca a arte de fazer a festa gigante em uma finalidade turística e humanitária: ele repousa na atmosfera de “novas técnicas de hiper realização e de mediatisação, elas mesmas incluídas muitas vezes em um universo midiático” (CROZAT, 2006). Barcelona escolheu a facilidade, ou seja, a grande manifestação, afim de perseguir ou de prolongar o que alguns chamaram o efeito JO: obter uma visitação muito elevada dos hotéis e um turismo excepcional, como no momento do evento de 1992.

No plano mundial, estes eventos gigantes são uma arma política e de *marketing* internacional que mobilizam os Estados do Sul que querem se igualar aos países ocidentais. Lula pensa organizar para São Paulo uma exposição universal em 2020, o que restabeleceria o equilíbrio com o Rio de Janeiro e seus JO de 2016 – a copa do mundo de futebol de 2014 permitindo apontar as câmeras para os estádios do interior das terras. Nesta ocasião, o Sambódromo será renovado e as festas regionais irão se superpor às duas festas gigantes do esporte e da cultura brasileira (VERDIER, 2010).

A concorrência para as grandes manifestações festivas interditou portanto a Barcelona concretizar seu sonho de uma terceira exposição universal; lhe foi preciso imaginar, partindo do zero, uma outra manifestação. Foi batizada de Fórum, pois o termo está na moda.

Estamos no período de especulação imobiliária a mais frenética que tenha conhecido a Espanha nos últimos cinquenta anos, com, em dez anos, duas

vezes mais construções de apartamentos do que a França construiu nos Trinta Gloriosos (SANCHEZ, 2008). O contexto econômico e a multiplicidade de atores presentes, e alguns interesses hostis, não vão conduzir à uma grande parada festiva com falta de identificação e de base ideológica sólida, apesar de uma programação bem feita?

DA ESTRUTURA DO COTIDIANO À ESTRUTURA DA FESTA: O PAPEL PRIMORDIAL DA INFRA-ESTRUTURA.

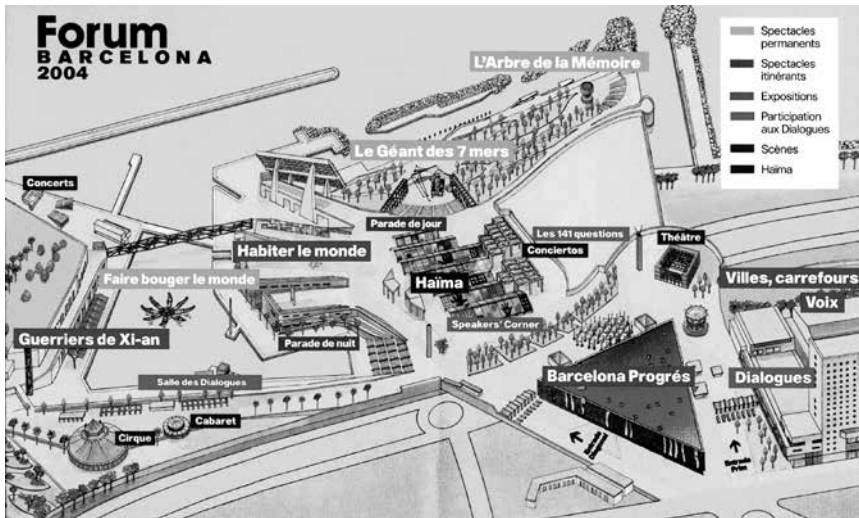
Descrever uma manifestação tão atípica e ambígua, é também interrogar sua realidade: um Fórum mundial festivo e turístico, ou Fóruns cidadãos contestatórios? A hibridação da qual ela surgiu faz sua força oferecendo a todos um dispositivo assimilante, assimilável (FOCAULT, 1994 [1977], p. 299) e identificável por todos (DELEUZE, 1989)? Barcelona propõe durante 141 dias uma festa turística sobre as bases intelectuais e pedagógicas, e jogos náuticos. Uma festa mundial no plano material e um diálogo mundial no plano imaterial via *web* e visitantes do mundo inteiro; no entanto, os organizadores devem programar um espaço público fechado, com entradas pagantes e manifestações gratuitas na cidade para responder às expectativas diárias dos turistas em falta de sensações ou de cultura, o pior podendo às vezes encostar no melhor; destinos, muitas vezes, dos grandes *burnums* que se acreditam proféticos!

A sociedade urbana e a festa mundial: os riscos de descolamento cultural e identitário

É um símbolo que diz muito sobre as referências memoriais dos atores: a manifestação começa nas mesmas datas de abertura e de fechamento daquelas da Exposição universal de 1888, mais de um século antes. As cerimônias de inauguração da manifestação fazem o Fórum ser apreendido de uma maneira diferente do que seria no caso de uma muito grande exposição global. É evidente a vontade de conciliar gestos fortes e símbolos míticos às vezes desatualizados. O exemplo disso é “a delegação helena”, aquela dos Prefeitos das cidades foceanas mediterrâneas que chegam no domingo 9 de maio, dia simbólico da abertura. No meio da manhã, por mar, cerca de 50 prefeitos e representantes da associação dos antigos portos gregos do Mediterrâneo e da associação dos povos foceanos faz sua entrada no porto a bordo do barco *Las Golondinas*. As origens foceanas das antigas cidades catalãs são retomadas segundo a atuali-

dade, assim como os laços que unem a cidade de Barcelona a toda uma rede cultural mediterrânea.

Os atributos de um novo tipo de festa global são lidos sobretudo na estrutura da festa e na maneira pela qual foram concebidas as exposições e as recreações-animações (mais ou menos bem sucedidas). O espaço Fórum comporta três categorias de espaços: (i) a praça Fórum que teve como objetivo fazer a síntese de todas as praças e mercados do mundo³, (ii) os pavilhões de exposições, e notadamente o Edifício Fórum que serviu aos numerosos Diálogos das culturas, o novo Centro das Convenções modulares, e (iii) enfim três zonas recreativas: o Parque dos auditórios, o Parque da Paz e o porto que formam a parte passeio-circulação para os visitantes (ver figura 2).



Fonte: Fundação Fórum, 2004, mapa turístico.
Figura 2: O conjunto e as instalações do Fórum

Três atrações retiveram a atenção dos visitantes por sua originalidade e pela ocasião que elas ofereciam a todos de participar do Fórum em uma atmosfera «bom menino», sem verdadeiros conflitos, sem atentados do ETA ou sem manifestação violenta em favor da independência da Catalunha. (i) A feira

³ Uma praça central apresentando a particularidade de ser uma das maiores do mundo, montada em pilotis sobre o anel-viário litorâneo, la Ronda e se projetando sobre uma usina de tratamento de águas de Barcelona.

e a Haïma sobre a esplanada do Fórum consagram um espaço de exposição e de encontros aos grandes temas do Fórum. Escolas, ONG, empresas e outros atores sociais são aí convidados. (ii) O imenso capitêu de 16.000 m², a Haïma, abriga cerca de quinze exposições de pequenos formatos, preparados em colaboração com as ONGs e os órgãos das Nações Unidas sobre os temas dos refugiados, do papel da mulher nas guerras ou do comércio equitável/justo. Pequenas lojas e mercados onde são oferecidos seus produtos específicos estão presentes, inclusive.

As 141 questões colocadas a cada convidado diário destas exposições constituem também um momento forte do Fórum e da vida da esplanada⁴. O mesmo vale para o “gigante dos sete mares” que acontece no maior teatro ao ar livre do Fórum – mais uma vez a mitologia festiva é utilizada. De acordo com os panfletos, uma estranha criatura de 12 metros de altura, meio animal marinho meio cabra (FÓRUM UNIVERSAL DE LES CULTURES, 2002, p. 32), foi descoberta durante a construção do Fórum. Ela mostra seus humores por suas reações diante de seus guardas na ocasião de um espetáculo de circo aéreo acrobático onde motociclistas, acrobatas, trapezistas e trampolins fazem a apresentação para as reações intempestivas dos participantes. Uma reflexão é feita sobre a degradação e a poluição do mar e “convida a amar e proteger o mar”. Sobre este ponto assim como sobre aquele da outra atração principal, “a Árvore da memória”, as contribuições cenográficas e artísticas estão nos locais de encontro. A programação artística dos espetáculos no interior do Fórum e no exterior, na cidade, mostra um real esforço: sequências de cantores e performers, forte presença de trupes de rua entre as quais a principal é a delegação francesa (*Royal Delux*). Encontramos também shows de artistas revelados pela *World Music* ou vindos do Cabo Verde, e dos recitais dados por institucionais latinos e de grandes estrelas.

A vontade de se diferenciar das manifestações clássicas é evidente. A interface marítima e fluvial (com o Besós) está presente em todos os lugares nos jogos de luzes, marina, zona de natação e propósitos dos atores; como se a cidade estivesse confrontada a um novo espaço a controlar, domesticar, regenerar. Um paralelo pode ser feito com a manifestação “*Suisse Expo. 02*” que era de uma incongruência, de uma certa originalidade e de uma ambição pouco comum

⁴ No modelo bastante conhecido do *Speaker corner*.

– outro sinal das mutações das festas européias. Este aspecto pouco comum projetava o novo horizonte do que pode ser uma exposição onde “tudo deve desaparecer” após o evento⁵. Os organizadores desejavam deixar os traços nas memórias dos visitantes e não na trama urbana. Entre estrutura física efêmera e estrutura dos espíritos, a aposta foi acertada, tanto que a cenografia permitiu, com diretores de qualidade, uma viagem iniciática pós-moderna; arquitetura, paisagem e performance eletrônica e audiovisual se encontravam ligadas; encontrava-se ali os meios de comunicação moderno e antigo, que assumiam as navetes sobre os lagos helvéticos que unem as cidades.

Para Barcelona, se verifica também esta propensão aos jogos de luzes e de superfície aquática, associada a discursos às vezes grandiloquentes. É uma festa das idéias, das artes e das civilizações cujo objetivo primeiro é a criação de um espaço cenográfico sem referência explícita às religiões ou a outros conceitos culturais identificáveis. Ela pratica um amálgama pela confusão dos gêneros ou dos modos de participações – inicialmente, queria-se que estes se mostrassem ativos. Identificação por todos e rejeição de princípios culturais/religiosos, “*Move the world*”, é no fim de noite a atração pirotécnica perfeita que cada espectador espera como em toda exposição internacional que se respeite. Ela lembra os grandes fogos de artifícios e os jogos de luz da Torre Eiffel na ocasião da Exposição de 1937. Forma-se um enorme globo com suas pétalas em metal sobre a água do porto de lazer (ver figura 3); no sábado 8 de maio de 2004, dá-se o pontapé inicial deste espetáculo; reeditado diariamente, é a metáfora de um mundo em conflito onde a única saída se encontra no diálogo. Mais uma vez, a árvore, símbolo de vida, de magia e de fertilidade foi escolhida por seu valor cenográfico com seus galhos que crescem e que recebem as mensagens dos visitantes. Este espetáculo oferece às testemunhas do efêmero a junção entre mar e terra, antigo e novo bairro, situação global e situação local. Ele mobiliza uma forma de encenação, de narração, de espetacularização que trata de uma periferia maldita, degradada, que se quer embelezar; deseja-se que todos descubram o seu encantamento graças à festa e aos jogos de luzes sabiamente orquestrados.

⁵ Ver o Catálogo oficial em francês: présentation du projet et de la stratégie: EXPO 02, IMAGINATION. Le livre officiel d’Expo 02, Lausanne, 2002, Payot.



Fonte: Fundação Fórum 2004.

Figura 3: Espetáculo pirotécnico Move o Mundo no espaço pagante

O Fórum não é um espaço fechado intransponível. Aqueles que nele não entram podem aproveitar as atrações paralelas da grande festa. A cidade acolhe no seu interior as manifestações criadas para o evento ou em relação com ele. O Grego, o festival Sonar⁶ e uma multiplicidade de exposições temáticas sobre a Catalunha e sobre os problemas ambientais são então programadas. São propostos percursos de visita em toda a cidade, mapas para ajuda.

Os lugares de cultura e de festa da cidade se encontram associados ao Fórum. Inclusive, é certamente graças ao Carnaval do célebre cantor e percussionista brasileiro Carlinhos Brown que a festa vibrou, quando da inauguração, no coração de Barcelona, no Passeo de Gracià, a grande avenida da cidade; é o espetáculo gratuito que atrai o maior público (mais de 400.000 pessoas). Por um dia, Barcelona muda seu nome e torna-se “Carnacelona” (ver figura 4a e 4b).

⁶ O festival Sonar é o festival da tecno e das artes multimídia, todos os anos em Barcelona. Ele se inscreve evidentemente no programa do Fórum de 17 a 19 de junho de 2004. Casamento da música clássica e da tecno. Conta ao todo com mais de 20 exposições, 20 associados ou no espaço fechado e 450 espetáculos de todos os tipos na cidade.



Fonte: Fundação Fórum 2004.

Figura 4a: Os cenários do Fórum em múltipla escala após o evento

A/ A praça Fórum, B/ O complexo das salas de congresso, C/ Poblenou, para o centro da cidade
1/ Pergola fotovoltaica, 2a/ Palácio Fórum, 2b/ Centro de Convenção, 3/ As dunas de concreto, 4/ Marina, 5/
Praia do Besós.



Fonte: Prefeitura de Barcelona, 2004

Figura 4b: Carnacelona, o Rei Carlinhos, passagem de Gracià cor Brasil de 2004

Em resumo, uma festa global, símbolos mundialistas, eventos geoestratégicos às vezes. Tudo isso vai do global ao local para o melhor e às vezes para o pior: no plano das idéias, a manifestação permanece apesar de tudo em meio-fracasso ou um meio-sucesso (isso depende). É no entanto um avanço novo,

com magníficas proezas técnicas inovadoras em uma cidade que realiza assim em parte o velho sonho de um engenheiro, Cerdà; uma capital catalã com um destino não mais europeu, mas, para suas elites, mundial. Assistimos ao mesmo tempo à promoção de um país-região, o que não avança sem uma certa ambivalência das normas e valores da festa global.

A parte do inesperado: do desvio da festa à improvisação municipal

Esperava-se do Fórum que apresentasse uma dimensão societal e que graças a ele, as relações da cidade e seus habitantes, os turistas e os intelectuais se tornassem mais harmoniosas e mais ricas de sentido; não foi esse o caso. A planificação urbanística foi fortemente criticada, como o eram os defeitos da festa. A terciarização da cidade cria problema: a forma e o conteúdo do Fórum estão em contradição com as aspirações dos cidadãos e com os movimentos sociais. Comércio, boutiques de luxo, hotéis, galerias comerciais ou centros comerciais imponentes excluem a vida local; ela desaparece em parte do Paseo de Gracià, das Ramblas e da Diagonal.

Reabilita-se o Besós por um grande centro comercial e por um condomínio fechado bem próximo da zona Fórum, Diagonal Mar (CAPEL, 2005, p. 121-134; TAGLIABUE; MIRALLES, 2004). A desertificação de alguns bairros é evidente nos fins de semana, enquanto a ambição da cidade é justamente de reintegrar classes populares ou classes médias em uma cidade compacta e densa. Este é o paradoxo destes ares de “nova centralidade” cuja décima parte é aquela da esplanada/prça Fórum. Em 1987, Joan Busquets tinha inventado os “ares de centralidade” para reequilibrar a cidade. Ele não imaginava que sua ação somente acentuaria a evolução da cidade em direção ao neo-terciário e à gentrificação: o projeto 22@, bem próximo do Fórum, é o símbolo disso.

O impacto do Fórum sobre Barcelona se mede em várias escalas. A especulação imobiliária está presente em todos os lugares e conduz os jovens casais a deixar Barcelona. A chegada de ricos proprietários dos países do Leste, da América do Sul, do Norte e da Arábia faz nascer um risco de re-fragmentação do tecido urbano e suscita a animosidade em relação a esta classe estrangeira. Conglomerados imobiliários internacionais ou nacionais participam cada vez mais da reflexão sobre a cidade; é talvez o fim da autonomia deste domínio ou de seu controle pelo público. O grupo americano Hines obteve a concessão da porção mais vantajosa do bairro do Fórum. A colaboração público/privada é fortemente encorajada – e criticada.

A festa-Fórum aparece como um revelador (RAVENTOS, 2000; MONTANER, 2003). Um sentimento de revolta se desenvolve entre os Barceloneses preocupados com o futuro de uma cidade que proclama que o Fórum é benéfico para todos. Palavras de ordem anti-Fórum e anti-especulação surgem nos muros, na internet, na imprensa. Elas são acompanhadas de manifestações ou de faixas estendidas sobre os edifícios em construção. Quando das festas municipais no centro da cidade, na praça Saint Jaume principalmente, as manifestações anti-Fórum instalam as suas faixas reivindicativas sobre aquelas, oficiais, da prefeitura (AYLLÓN; REBELDE, 2004). O diálogo entre a municipalidade e os Barceloneses está travado e manipulado: os serviços praticam à maravilha a arte do marketing; sua comunicação é ultra controlada. Uma arquitetura de arranha-céus soa mal para os habitantes, assim como para o antigo prefeito, inclusive: “Algunes torres altes, però no gaires” «Algumas torres altas, mas eu não aprecio» (MARAGALL, 1996).

Em 2004, o problema hipotecário é considerado como extremamente preocupante pelo agentes financeiros da cidade. Para além da cerimônia universal, eles percebem o canto anunciador da crise. Eles se inquietam com o “tudo para o turismo”, “tudo para a promoção imobiliária”, “tudo para a globalidade” e “tudo para uma festa cara”. O Fórum aparece como ligado às práticas imobiliárias especulativas. Organizações, muitas vezes extremistas e afiliadas à extrema esquerda se constituem os porta-vozes das críticas sobre a cidade em plena mutação e se levantam contra a especulação imobiliária. A repercussão da qual elas se beneficiam na população é mais ou menos grande. Em sua carta, os anti-Fórum denunciam dez princípios que não deixam de ecoar estranhamente neste começo de 2011, em vista da situação econômica da Espanha (HACHE, 2006)⁷.

⁷ «1. Especulação 2. A «nova» Barcelona, Barcelona torna-se uma cidade turística e de lazeres. 3. O Fórum 2004 não respeita o meio ambiente 4. Padrinhos políticos e econômicos do Fórum 5. São os organizadores do Fórum que tornam a imigração ilegal 6. O Fórum 2004 apóia a economia de guerra 7. Os organizadores do Fórum são aqueles que respondem aos problemas sociais pela repressão 8. Fórum 2004: um espaço não participativo onde o diálogo é uma farsa 9. Multiculturalidade, conto de fada da mundialização 10. Fórum 2004: Onde a cultura e os valores são mercadorias.» La Biblioteca del Ciudadano, La otra cara del «Forun de les Cultures, S.A.» Deu raons per no anar al Fòrum Barcelona 2004: El fascismo posmoderno Fotut 2004: La globalización como espectáculo, Asamblea de Resistències al Fòrum 2004 Espai en Blanc Col·lectiu Ariadna Pi de l’Institut Català d’Antropologia edicions bellaterra Manuel Delgado, 2004 Edicions Bellaterra, 2004, 194 p. Disponível em Barcelona www.ed-bellaterra.com

Durante o evento, os manifestantes contra o Fórum organizam diversos “assaltos” com grande reforço de imprensa comunitária e de câmeras sobretudo regionais. Eles são às vezes insuficientes, mas também simbólicos (ver figura 5) (CHARO, 2004). É verdade que o Fórum é um recinto fechado, cercado de grades, vigiado como qualquer exposição universal. Aqueles que não podem comprar um bilhete são excluídos dele. Eles estão, entretanto, muito presentes, mas não visíveis; ninguém os escuta; supomos de qualquer maneira que eles aprovam os “avanços” e as infra-estruturas pesadas de transporte de qualidade (como o novo *tramway* que liga a região ao centro da cidade).

Um paralelo se impõe no plano europeu: os anos 1990 e começo dos anos 2000 conheceram numerosas festas urbanas em defasagem completa com a população local. O caso Millenium, em Londres, em 2000, parece emblemático. Seu Domo suscita polêmicas e zombarias da parte de uma imprensa agitada contra o que ela considera como um fiasco econômico e cultural (IRVINE, 1999)⁸. A exposição internacional festiva e cultural do Domo do *Millenium* é oferecida aos Londrinos pelo governo britânico para celebrar a passagem ao ano 2000; ela é feita para atrair os turistas estrangeiros desejosos de visitar este edifício estranho, em forma de disco voador e que devia ser reutilizada posteriormente por uma atividade “outra?”. O *Millenium* é inicialmente percebido por outras cidades européias e mundiais como um modelo de grandes projetos festivos baseando-se na construção de edifícios espetaculares; mas estes projetos acarretam por vezes pesadas perdas financeiras e problemas sérios de reutilização. A falência político-midiático-financeira do Domo do *Milênio* em Londres obriga Tony Blair a intervir nas Comunas [Municípios] durante aproximadamente oito anos. Ele indica repetidas vezes seu desapontamento diante de um assunto mal gerido:

A triumph of confidence over cynicism, boldness over blandness, excellence over mediocrity – Hindsight is a wonderful thing; governments shouldn't try to run tourist attractions⁹.

⁸ <http://www.millennium-dome.com/> acessado em 01/07/07 mas também a BBC que propõe uma leitura crítica do Domo em 2001, momento da falência e de sua difícil reconversão: Thursday, 15 February, 2001, «Dome woes haunt Blair Has the sun set on Labour's Dome dreams?» par BBC de Robert Orchard

⁹ «Tony Blair on the Dôme», Dezembro de 1999, Times, breve discurso público.

Ele nomeou uma comissão de investigação em vista das somas alocadas¹⁰.

Quer isso dizer que este tipo de evento não tem efeitos positivos? Em Londres, ele faz parte de uma estratégia geral de regeneração dos setores abandonados no leste da cidade; a operação é protegida pelo Tâmesa e risca do mapa as antigas áreas industriais abandonadas [friches industrielles] para abrigar novas utilizações terciárias e residenciais (HAMNET, 2003). Desde 2004, um novo operador assumiu, aliás, o Domo e permitiu a este apresentar benefícios: séries de shows, eventos e zonas de lazer coabitam aí (sucesso da série dos shows de Prince e anulação/retorno do investimento pelas vendas do vídeo do *show* de Michael Jackson em razão de sua morte inesperada).



Fonte: Barcelona, coletivo anti-Fórum, 2004.

Figura 5: Manifestação aquática, no assalto ao Fórum, 2004

O Fórum exprime uma nova estrutura ideológico-simbólica que foi imposta ao plano urbano. Ela não transmite a embriaguês da festa e levanta o proble-

¹⁰ Como muitas vezes no caso de um grande projeto que ronda a falência, define-se uma comissão executiva que deve apresentar um relatório mostrando a má gestão do lugar, dos métodos empregados e da estratégia para o MD: *Millenium* Comission e seu relatório disponibilizado na internet pela Câmara do Parlamento.

ma do novo modelo urbano e daquele da festa como meio de realizar a cidade e de a fazer ser conhecida. O aspecto financeiro não é simples, a ganância, a questão do “que fazer?” do espaço proposto e de sua legitimidade, assim como para o *Millenium* são obstáculos reais. Os programadores não conseguiram evitá-los sempre. Outras questões são, no entanto, presentes nesta festa; elas emergem do planejamento do espaço e da herança urbana.

AS TEMPORALIDADES DAS FESTAS MUNDIAIS: DO LOCAL AO GLOBAL PELA MEDIAÇÃO DO QUE ELAS LEGAM À CIDADE

Para compreender estas festas gigantes, é preciso fazer uma ampla avaliação delas e não se satisfazer com o preço de custo e com o número de turistas. Este permanece como um indicador importante, mas ele não é único. A festa deixa espaços públicos notáveis; é um legado do qual é conveniente medir o alcance (parágrafo 3.1).

As escolhas às quais procedem uma região ou uma nação concernindo às infra-estruturas instaladas para a festa se justificam na medida em que elas estão em ligação permanente com um novo modelo econômico e permitem uma comunicação e um marketing urbanos de qualidade (parágrafo 3.2).

Do palimpsesto urbano à valorização patrimonial e à uma sociedade ‘pagã’

Barcelona acompanhou muitas vezes a construção identitária do regionalismo catalão e as reivindicações econômicas e culturais que lhe são ligadas por uma história e geografias oficiais. A cidade lança ao mesmo tempo grandes eventos populares capazes de fazer a capital catalã ser descoberta pelo mundo inteiro, de manter seu crescimento econômico e de lhe dar a imagem dinâmica de uma metrópole mediterrânea em busca de milhões de turistas em uma atmosfera festiva (GUARDIA *et al*, 1994; MONCLÚS, 2007; SOLA-MORALES, 1990; HENRY, 1992). A exposição universal de 1888 no parque da Cidadela, a Exposição internacional de 1929 no parque de Montjuic, a Olimpíada popular de 1936 igualmente em Montjuic, onde se realizam também os Jogos Mediterrâneos de 1957 e os extravagantes Jogos Olímpicos de 1992 instalados nas “quatro áreas de nova centralidade” (AJUNTAMENT DE BARCELONA, 1988), são os sinais de uma política voluntarista e obstinada que faz da manifestação gigante um catalisador urbano (MULLIN, 1972; SERVANT, TAKEDA, 1996; EVANS, 2002; MONCLÚS, 2004).

Um *marketing* sabiamente monitorado permite criar uma imagem turística dinâmica no plano mundial; a festa faz igualmente descobrir a cidade sob um dia feliz. O político quer trazer identidade e orgulho para uma população muitas vezes desprezada ou esquecida; ela o inscreve no imaginário para melhor torná-la real (MENDOZA, 1988, 2007).

O semi-sucesso do Fórum 2004 resulta da escolha do bairro. As representações negativas deste são, na época, uma deficiência: *barri* o mais pobre da municipalidade: despejo público e lugar de insegurança/máfia. Ele oferece também vantagens: disponibilidade de um grande domínio fundiário e fachada marítima disponível. A zona Fórum, futura praça Fórum, torna-se uma localização emblemática que deve acompanhar a realização, em 1995, do velho sonho de Cerdà, aquele da abertura e da continuação até o mar da maior avenida urbana europeia: é a coluna vertebral da cidade e um modelo de planificação para os urbanistas europeus (PERMANYER, 2010, p. 7-11).

A festa aparece como um bom meio para requalificar a imagem fortemente degradada do bairro aos olhos dos Barceloneses. Espera-se dela que ofereça “uma boa relação qualidade/preço” (ACEBILLO, 2004), como o indica o Diretor da Agência Metropolitana da Barcelona Regional, que participa da concepção e da realização do projeto Fórum: é assim que ele justifica a construção da maior chapa de concreto da Europa que se projeta sobre a estação de depuração e a via marítima, esta chapa permite criar a esplanada Fórum e de nela instalar jogos náuticos e infra-estruturas de congressos e de exposição. Uma análise desta operação de urbanismo paisagista e ecológico é proposta por Josep Acebillo:

É uma geografia urbana, como uma falésia urbana sobre o porto, um grande espaço que não deve ter um papel prefixado ou específico. Hoje, ela acolhe o Fórum, amanhã a Feira-festa, este será sempre um espaço onde os cidadãos se confrontarão com a dureza do mar. A plataforma é como um pedaço de natureza urbana, ela não disporá de monumento, somente de uma escultura para manter a memória daqueles que viveram e foram confinados no campo da Bota, assim como duas enormes pérgolas fotovoltaicas que fornecerão energia e sombra (ACEBILLO, 2004, p. 46).

No entanto, todas as pesquisas de satisfação demonstraram que o Fórum não conseguia se beneficiar do nível de legitimidade de manifestações mundiais como as Exposições universal e internacional ou os Jogos Olímpicos (BOTELLA, 2007; PAÛL 2007). A significação do Fórum não é legível no plano

municipal, regional, nacional e sobretudo internacional: somente os profissionais são capazes de compreender o que se passa em Barcelona. É preciso considerar, é verdade, a concorrência dos Jogos Olímpicos de Atenas.

A avaliação de um tal evento é complexa, pois vemos se encaixar a festa efêmera, as infra-estruturas duráveis e o funcionamento experimental que representam os 141 dias de realização: “ensaio” de primeira qualidade para todos aqueles que ela emprega e que aprendem assim a responder às demandas incessantes (Fundação Fórum, 2005). A isso se acrescenta a presença de novos hotéis como os emblemáticos *Hilton* e *Princess* no bairro Diagonal Mar. Desde de maio de 2007, esses estabelecimentos disponibilizam mais de 2700 quartos para homens de negócios. É um trunfo suplementar. As novas infra-estruturas são integradas em um sistema de planificação provado há mais de 20 anos em Barcelona. O projeto implica a criação de salas de convenção capazes de acolher simultaneamente três congressos maiores, um colóquio internacional e quatro seminários, em um mesmo lugar. É possível modificar diariamente a distribuição das salas, graças a uma organização modular de 3 andares redimensionáveis em algumas manipulações eletrônicas, com cortinas e paredes imponentes¹¹.



Fonte: Barcelona Regional, 2002.

Figura 6: O plano diretor Operação Fórum 2004/2015

¹¹ A Barcelona Regional tendo trabalhado com o *Urban Land Institut* (ULI) de Washington, a câmara de comércio, o Escritório de Turismo, o consórcio da zona franca e da Feira de Barcelona.

Permanece, todavia, uma impressão estranha de desacordo onipresente durante esta manifestação. Ele se explica novamente por sua gênese e sua temática. O turismo de festas gigantes cria um novo urbanismo (GRAVARI-BARBAS, 2000) ou novas dívidas insuperáveis (BALLESTER, 2011)? O legado que o evento deixou à cidade é inegável, assim como seu impacto sobre o turismo de negócios; a comparação com o efeito JO 1992 é, por outro lado, muito menos lisonjeiro. Uma evocação do caso de Atenas JO 2004 é igualmente pertinente. A Grécia acreditava poder organizar sem risco uma manifestação esportiva internacionalmente reconhecida, mesmo fraudando em seu dossiê de candidatura junto ao COI. Ela se encontra face ao mesmo paradoxo. Atenas 2004 criava ilusão sobre a condição do país e se baseava na mentira descarada do orçamento fraudulento apresentado ao COI com a cumplicidade dos bancos (assim como era já o caso para o orçamento do Estado grego face a União Européia): tais práticas tem limites evidentes; o global se volta contra a festa local e suas infra-estruturas fantasmas. A imagem de cidade dinâmica com uma nova ponte e um tramway esconde a realidade de uma sociedade e de suas práticas (BALLESTER, 2010, trabalho de campo). O mesmo ocorre para o caso de Milão que espera tornar-se uma nova metrópole, verde, durável e um novo nó de transporte com sua exposição universal de 2015: o risco para ela, é de não poder respeitar o conjunto de especificações acordadas junto ao *Bureau International des Expositions* [Escritório Internacional das Exposições]. À diferença de suas co-irmãs européias, outras megalópoles podem inclusive encontrar financiamentos para acolher uma exposição internacional: é o caso de Bombaim com o tema da informática.

Dos impactos turísticos e culturais ao processo de esquecimento

Apesar das críticas e escaramuças entre os pró- e os anti-Fórum, o balanço da operação é globalmente positivo no plano contábil. Certamente, houve apenas 3,3 milhões de visitantes no lugar dos 5 milhões esperados! Número decepcionante: faltam dois milhões. Os Barceloneses e os Catalães ignoram a manifestação, salvo durante as três últimas semanas, quando 80.000 frequentam cada dia (entre eles, 80% de *Barcenensis*, de Barceloneses).

O ponto mais positivo é certamente o de ter feito descobrir as instalações do Palácio do Fórum e do centro de Convenção na ocasião de seminários e de conferências animadas pelos maiores intelectuais do mundo. Estas reuniões

aparecem hoje como uma das chaves do projeto. Barcelona devia ter um centro de Congresso moderno para rivalizar com outras metrópoles europeias: é importante que, alguns meses ou até mesmo alguns anos depois da festa, ela atraia mais gestores com forte poder de compra e turistas urbanos. Em resumo, o CCIB, Centro de Convenção Internacional de Barcelona sofreu com o sucesso a prova de fogo atraindo um turismo de negócios indutor de crescimento. Este novo espaço público, em processo de apropriação pelos habitantes do bairro, se oferece mais aos turistas de negócios e às numerosas agências de pontos publicitários que encontram neste lugar uma imagem da pós-modernidade (PUBLICIDADE MERCEDES, 2008-2010).



Fonte: Fotomontagem a partir de revista da imprensa municipal, 2004/2005, BMM.

Figura 7: Da festa da Mercè ao espetáculo ao ar livre, os novos usos do Fòrum

É verdade que entre 2003 e 2004, o turismo na Catalunha aumentou em 20%. Houve 9,2% a mais em chegadas internacionais ao solo barcelonês. No total, 12,8 milhões de chegadas. As somas gastas pelos turistas aumentaram em mais de 7%, por volta de 8,7 milhões de euros. Em comparação e durante o mesmo período, o turismo na Espanha conheceu um crescimento de 3,4% com 53,6 milhões de visitantes (OTB, 2005-200-, INE, 2006 – HERVÉ, 2008). Em 2004, Barcelona registrou 4.549.587 turistas, ou seja, 20% a mais que no ano precedente. O aumento das noites de hotel em julho é de mais de 10% em relação ao ano precedente. A oferta cultural excepcional no centro da cidade e na zona Fòrum explica estas estatísticas que devemos ligar aos 430 milhões de gastos turísticos. Levando em consideração o balanço do orçamento do Fòrum/ benefícios financeiros com os visitantes do Fòrum – e unicamente estes – as estatísticas são igualmente positivas: hospedagem + transporte + alimentação + entrada no recinto + estacionamento + despesas no Fòrum: o montante representa 395,7

milhões de euros, o que não é de maneira nenhuma desprezível na medida em que permite amortizar os 324 milhões de euros de investimentos na zona Fórum dos três atores principais (Prefeitura, Região, Estado).

O que justifica também o peso – momentâneo – do endividamento, é o investimento excepcional em espaço público de qualidade – apesar dos odores sempre presentes da estação de depuração. Outros resultados menos favoráveis são igualmente possíveis: a Exposição internacional de Sevilha 1929 endividou pesadamente durante décadas a capital andaluza.

CONCLUSÃO

O Fórum Universal das Culturas Barcelona 2004 se inscreve portanto em uma geohistória revisitada e manipulada pelas autoridades catalãs. Elas estavam determinadas a obter o direito de organizar uma enorme manifestação internacional no *waterfront* barcelonês. Elas tiveram que desenvolver toda uma geopolítica para desfazer as dificuldades impostas pelos organismos de tutela, Comitê Olímpico Internacional, Escritório Internacional das Exposições ou Comissão Européia. Compreendemos então que esta festa mundial seja um

elemento de promoção dos espaços e das representações de uma sociedade ideal. Uma categoria eventual da cultura, o caráter de exceção e a capacidade para reunir uma economia simbólica na qual os espaços são um elemento 'maior' (DI MEO, 2005, introdução).

Quanto à sua realização e a seus efeitos econômicos em um ano ou em dez anos, eles se revelam satisfatórios. Curiosamente, todo o mundo se perguntava antecipadamente se os visitantes viriam a uma festa da qual a campanha de comunicação era completamente um fracasso (como para SARAGOÇA, 2008). Após o evento, a contra-performance dos 3,3 milhões de visitantes foi quase esquecida em proveito do ato simbólico de dar uma nova chance a um território em sofrimento há décadas.

Ninguém, durante o evento, observou que levar 3,3 milhões de visitantes em uma antiga zona de despejo a mais poluída da Europa (no caso em uma lage com vista para uma estação de depuração a mais de 15 minutos do centro da cidade de Barcelona) era uma façanha não desprezível, especialmente porque se tratava de fazer uma festa e de fomentar as trocas culturais.

No que concerne ao legado que a festa deixou à cidade, a esplanada Fórum permanece um território com pouca visitação e que busca uma legitimidade

junto aos Barceloneses. A festa da Mercê de 2004/2005, a festa nacional do 11 de setembro e seu desfile aéreo, mas sobretudo as festas eletrônicas para jovens festeiros e praiheiros com aspecto underground, frívolas, não bastam para assegurar seu estatuto (PLACER, 2008, p. 32).

A nova temporalidade que foi instalada em Barcelona era efêmera – 5 meses, mas ela fez, inevitavelmente, referência às antigas temporalidades da cidade. Umas e outras se misturam e se entrelaçam. Uma arquitetura do efêmero, os cenários, os artifícios contemporâneos propõem uma nova cidade para uma nova urbanidade, com as paisagens de concreto, de luzes, de sons e odores, no contato com o mar próximo, em uma atmosfera por vezes carnavalesca. Isso confere a este novo pedaço de cidade um significado diferente.

A operação foi fortemente criticada em seu conteúdo e em sua forma porque parecia lhe faltar legitimidade e não encontrava, no plano mundial, a repercussão que teria tido uma exposição universal (AIMONE; OLMO, 1993; ORY, 1989). Experiência catártica, a festa Fórum fez nascer alguns raros momentos de exaltação; estes aparecem essencialmente como contrapontos à festa; eles fazem a ligação com as graves tensões e explosões sociais que conhece a Espanha e provam que este evento os anunciavam, enquanto testemunho de um certo mal-estar ou de um sentimento identitário ambivalente diante de tantos financiamentos e tantas despesas orçamentárias para este pequeno território, diante também da proliferação de arranha-céus excluindo cada vez mais a população. Nesta época, deu-se ao prefeito o apelido de “Joan Clos de 1000 milhões de euros”.

O Fórum simula o tempo social e se serve do passado para dar um estilo à sua comunicação e remodelar o espaço de uma cidade mediterrânea pós-moderna. A finalidade é de perenizar os cenários e a atmosfera da festa em uma trama costeira lúdica. Sacraliza-se assim um lugar de despejo transformado em novo espaço público em uma utopia de formas: podemos associar a praça do Fórum a uma mão catalã universal feita de concreto em referência ao logo do Fórum (Cf. Figura 4a).

Quanto ao desenvolvimento sustentável, podemos aceitar as visões dos ecologistas (entre os quais alguns participaram do Fórum) que propõem reinventar os lazeres e viagens de curta distância e criticam o fato de fazer vir mais de três milhões de pessoas à periferia de uma grande metrópole? Uma tal posição nos parece ridícula; ela mostra na verdade uma crise européia destas mani-

festações gigantes, mas esquece que elas são um espelho do mundo e de seu deslocamento em proveito dos emergentes e da Ásia; Pascal Ory interrogado em 2010 o lembra:

Nós não temos mais muitas razões a avançarmos, a visão do declínio das Exposições, é uma questão de olhar. As Exposições tem o futuro alhures, pois o futuro é alhures (ORY, 2010).

Último ponto de uma avaliação complexa: inventar mundos, é inventar novas linguagens e os meios de as decifrar (BAUDRILLARD, 2000), não foi esse o caso do Fórum: podemos visualizar ou não, uma sequência a essa primeira manifestação? O Fórum Monterrey no México foi o segundo desses encontros culturais. Chicago pensou em um momento em organizar este Fórum, mas preferiu os JO de 2016, para finalmente ser batido pelo Rio de Janeiro. Está em Nápoles agora a incumbência do desafio para o ano de 2013.

No plano midiático e naquele dos retornos dos investimentos, ganhar uma copa do mundo de futebol é muito mais rentável para a imagem de um país vencedor da competição do que gastar somas astronômicas nas exposições internacionais e nas festas urbanas gigantes com orçamentos dificilmente controlados. Não é uma lição a guardar para a Espanha e a Catalunha, quando sabemos o quanto a vitória de seus jogadores no Mundial suscitou a festa nas ruas espanholas.

Qual é o significado das grandes festas em escala global para as quais as grandes metrópoles se jogam hoje a uma concorrência feroz? Ele é duplo: lançar grandes projetos de reestruturação urbana em benefício das zonas desfavorecidas; promover a imagem da cidade – e da região e do país onde ela se encontra – para consolidar sua posição na competição internacional.

Recebido em: 03/02/2011

Aceito em: 07/03/2011

BIBLIOGRAPHIE/BIBLIOGRAFIA

- ACEBILLO, Josep. Una nueva geografía urbana. *Arquitectura Viva*, 2004, n. 94-95, p. 43-47.
- AIMONE, Linda; OLMO Carlo. *Les Expositions universelles: 1851- 1900*, Collection les Modernités, Paris: Belin, 1993. cf. Chronologie/inscription Barcelone, p. 310-317.
- AJUNTAMENT DE BARCELONA. *Áeras de nuevas Centralidad*. Barcelona: IAB, 1988.
- AJUNTAMENT DE BARCELONA. *Barcelona new projects*. Barcelona, 1999.
- AJUNTAMENT DE BARCELONA. *Barcelona cap a una ciutat sostenible: projecte urbanístic front litoral Besòs (Barcelona 2004)*, Barcelona : AB, Institut Cerdà, 2003.
- AJUNTAMENT DE BARCELONA. *Barcelona in progrés: la transformació de la ciutat a l'edifici Forum*, Barcelona : Mai, 2004.
- AJUNTAMENT DE BARCELONA. *Barcelona Forum 2004: Un nou model de ciutat*, Barcelona : AB, 2004
- AJUNTAMENT DE BARCELONA. *La Reforma urbanística del Besòs, The Besòs planning reform*, Barcelona : AB, 2006.
- AMNYOS CONSULTANTS. Avec le soutien de la Commission Européenne, Direction Générale Entreprises et Industries – Unité Tourisme, *Les manifestations culturelles et sportives: de nouvelles opportunités pour le développement du territoire du tourisme et des entreprises*, Bruxelles, 2007.
- ARQUITECTURA VIVA. *Barcelona 2004, de la trama al tótem: urbanidad y espectáculo*, n. 84. (Número spécial), 2004.
- ARQUITECTURA VIVA. Entre la ciudad acontecimiento y el paisaje sostenible, n. 94 /95, 2004.
- A+T. *Nueva materialidad Forum Barcelona*, Barcelona, n. 23, 2004.
- AYLLÓN, Miguel Martín; REBELDE, Cádiz. Forum 2004, Unas segundas olimpiadas de la especulación, 2004. Disponibles dans: <<http://www.rebellion.org/spain/040504cad.htm> /el 'modelo Barcelona'/Virus Edition> au 01/07/07.
- BALLESTER, Patrice. *Géographie de l'éphémère. La ville événementielle, ses paysages, son architecture et évaluation sensible. Exposition universelle, Jeux Olympiques, CEC, et nouvelles fêtes*, Doctorat nouvelle version. 2011.
- BARDET, Gaston. *Historia recent de la urbanística als Països catalans*, Barcelona, Ediciones 62, p. 137-161, 1962.
- BCN. Ajuntament de Barcelona. *Porto Alegre, Davos, Kyoto, Nairobi... i el Fòrum BCN INFO*, n. 21, p. 4-5, 2004/2005.
- BIE: *Bureau International des Expositions*. Disponibles dans <<http://www.bie-paris.org/>>. En ligne, consulté le 11/01/11.
- BIE – Bureau International des Expositions. *Règlement du BIE. Le BIE et la réglementation des Expositions internationales*, Paris: BIE, 2000.
- BOTELLA Miquel. *El Fòrum Barcelona 2004, una oportunitat desaprofitada?*, Barcelona: AULA, 2006.
- BOHIGAS, Oriol, *Reconstrucció de Barcelona*, Barcelone, Ediciones 62, 1986.
- BUSQUETS, Joan, *Barcelona, the Urban Evolution of a Compact City*, Nicolodi, Harvard University, Graduate School of Design, Rovereto, 2005.
- CAPEL, Horacio, *El modelo Barcelona: un examen crítico*, Barcelona, Serbal, 2005.

CAVESTANY, Fernando Barreiro. Los nuevos vecinos. Metropolización, exclusión social y segregación urbana en las ciudades europeas, 2004. Disponibles sur : <<http://epd372.blogspot.com/search/label/Barcelona>>. Consulté le : 01 juillet 2007.

CEO/UAB. Centro d'Estudis Olímpics – Universitat Autònoma de Barcelona. Disponibles sur: <www.olympicstudies.uab.es>. En ligne, consulté le 15 mars 2011.

CHARO, Marcos. Los antifórum saquean el recinto Lunes, El Mundo 19 de Julio de 2004. Les principaux sites relais des associations anti Forum comme exemples et révélateurs d'un malaise. Disponibles sur: <<http://fotut2004.org/ct/index.php>>. Consulté le: 01 juillet 2007.

COLLECTIF, Jeune. Un espacio apto para acoger multitudes, *La Vanguardia*, du 9 mai, Edition spécial, n. 4, La Barcelona del Forum, p. 16-17, 2004.

CROZAT, Dominique. *La Production des espaces hyper réels : l'utopie d'un monde parfait* (2008) HDR, résumé dans *Actes du colloque Fête au présent*, à Nîmes, 2006.

DELEUZE, Gilles. Qu'est-ce qu'un dispositif?, in: FOUCAUT, Michel. *philosophe. Rencontre internationale, Paris, 9, 10, 11 janvier 1988*, Paris: Seuil, p. 185-195, 1989.

DI MEO Guy. *La Géographie en fête*, Paris: Édition Ophrys, 2001.

DI MEO Guy. Le renouveau des fêtes et des festivals, *Annales de Géographie*, Paris, mai-juin, 643, Introduction, p. 227-243, 2005.

ESPUCHE Garcia; GUARDIA, Manuel; MONCLUS, Francisco; OYON, José Lluis. Modernization and urban Beautification: The 1888 Barcelona world's fair. *Planning Perspective*, Crowthorne, n. 62, mai, p. 139-159, 1991.

EL PERIÓDICO. Un neu exposició? Disponibles sur: <www.olympicstudies.uab.es>. En ligne, consulté le: 18 avril 1996.

EVANS, Graeme. *Cultural planning, an urban Renaissance?* New York: Routledge, 2002.

EYSSARTEL, Anne-Marie; ROCHETTE, Bernard. *Des mondes inventés : les parcs à thème. Suivi de Biosphère II, de Jean BAUDRILLARD*, Paris: Les Éditions de la Villette, coll. Penser l'espace, 2007.

FERRER, Amador. Le modèle barcelonais existe-t-il? *Projet urbain, Barcelone la deuxième renaissance*, Paris, n. 14, p. 13-16, 1998.

FOLCH I GUILLEN, Ramon. Barcelona enllà del 2004, *Espais*: revista del Departament de Política Territorial i Obres Públiques, Barcelona, n. 47, p. 86-99, 2001.

FÓRUM UNIVERSAL DE LES CULTURES. *Agenda de principis i valors – Barcelona 2004*, Barcelona : FUCB, 2002.

GALOPIN, Marcel. *Les Expositions internationales au vingtième siècle et le Bureau International des Expositions*, Paris Montréal, L'Harmattan, 1997.

GAVARI-BARBAS, Maria. *La Ville festive. Espaces, expressions, acteurs*, Université d'Angers, HDR, 3 volumes, 2000.

GENERALITAT DE CATALUNYA. La metropoli del 2010, idees escenaris projects i Il·lusions, *Revista dptope Es Pais monografic*. Barcelona, n. 147, 144 p. 2002.

GOTLIEB, Carlos. Barcelone réaménage ses confins à l'horizon 2004. *Diagonal*, Barcelona, n.151, p. 10-15, 2001.

GRESILLON, Boris. Les capitales européennes de la culture : des villes créatives?, *Urbanisme*, Paris, n. 373, p. 58-62, 2010.

GUARDIA, Manuel *et al.* *Atlas historico de ciudadeseuropeas: Peninsula Ibérica*, Barcelona :

- CCCP y Salvat Editores, Vol. . – Ville de Barcelone. 1994.
- HAMNETT, Chris. *Unequal City: London in the Global Arena*. London : Routledge, 2003.
- HACHE, Alexandra, Barcelona: Projets Urbains globaux et revendications territoriales, *Socio anthropologie* n. 16, 2005. Disponibles dans: <<http://socio-anthropologie.revues.org/index433.html>> le 11/07/08.
- HENRY, Guy. *Barcelona: 10 années d'urbanisme, la renaissance d'une ville*, Paris: Édition Le Moineur, 1992.
- HERVE, Annie. Le Forum Universel des Cultures de Barcelone. In: SPINDLER, Jacques, (Dir.), *L'Evaluation de l'événementiel touristique*, Paris: Edition L'Harmattan, p. 449- 462, 2009.
- IDESCAT. Web de la Estadística Oficial de Cataluña. Disponibles sur: <<http://www.idescat.cat/>>. En ligne, consulté le : 12 mai 2011.
- IET. Instituto de Estudios Turísticos. Disponibles sur: <<http://www.iet.tourspain.es/en-EN/Paginas/default.aspx>>. En ligne, consulté le: 12 mai 2011.
- INE. Instituto Nacional de Estadística. Disponibles sur: <<http://www.ine.es>>. En ligne consulté le: 13 mai 2011.
- IRVINE, Alastair. *The Battle for the Millennium Dome*, Londres: Irvine New Agency, 1999.
- JOSEP, Parcerisa. Nuevos horizontes urbanos. Lo importante transformaciones de 1888, 1929 y 1992 fue la eleccion de los espacios de crecimiento. *El Periodico de Cataluña*, Barcelona, 19 jui., 2001.
- LEOCROAT, Paul; SALLET-LAVOREL, Hélène. Des Jeux olympiques de Barcelone en 1992 au Forum universel des cultures de 2004, *Cahiers Espaces*, Éditions Espaces, Tourisme & Loisirs, Toulouse, Août, 2002.
- MANGIN, Daniel. Une Mecque des pratiques urbaines. *L'Architecture d'aujourd'hui*, n. 293, octobre, p. 30, 1992.
- MARAGALL, Pasqual. *Notes*, BMM Quaderni Central, 1994.
- MARIN, Louis. *Utopiques, jeux d'espaces*, Paris: Minuit, Gallimard, 1973.
- MATEO JOSEP, Lluís. CCIB, *Barcelona International Convention Center*, Barcelona, Actea, 2004.
- MENDOZA, Eduardo. *La Ville des prodiges*, Paris: Seuil, 1988.
- MENDOZA, Eduardo. *Mauricio ou les élections sentimentales*, Paris: Seuil, 2007.
- MIRALLES/TAGLIABUE. *Drawn Architecture: the project of Miralles/Tagliabue for Diagonal Mar*, Barcelona : Salvat and EMBT/Actar, 2004.
- MONCLUS FRAGA, Javier. *Exposiciones internacionales y urbanismo: el proyecto Expo Zaragoza 2008*, Barcelona: UPC, 2007.
- MONCLUS, Javier; GUÀRDIA, Manuel. *Planning Models and the culture of Cities*, Barcelona: IPHS Conference Book, 2004.
- MONCLUS, Javier; GUARDIA, Manuel. *Culture, Urbanism and Planning*, Ashgate, 2006.
- MONTANER, Josep Maria. *Repensar Barcelona*, Barcelona : UPC, 2003.
- MULLIN, John Robert. *World's Fairs and Their Impact Upon Urban Planning*, Monticello, Ill., Council of Planning Librarians, Illinois: Exchange Bibliography, n. 303, 1972.
- ORY, Pascal. *L'Exposition universelle de 1889*, Bruxelles: Complexe, 1989.

- PALMER/RAE ASSOCIATES. *European Cities and Capitals of Culture*, Bruxelles: feuillet d'entreprise, 2004, Vol.I. et II. Disponibles dans: <http://ec.europa.eu/culture/key-documents/doc926_fr.htm>. En ligne consulté le 11/01/11
- PAÛL, Daniel. *Impact médiatique du Forum*. Saragosse: Feuillet universitaire et conférence. 2007.
- PERMANYER, Lluís. *Barcelona en Diagonal*, Barcelona: TDura pressa, 2010.
- PINARD, Jacques. Le rôle des Expositions universelles dans le rayonnement des grandes métropoles mondiales. In *La grande ville enjeu du XXI^e siècle*, Paris: PUF, p 577-587, 1997.
- PLACER, David. La plataja del Fòrum no atrau banyistes després de quatre anys d'activitat. *El Periodico*, 2008, p. 32
- RAVENTÓS, Frances. *La col·laboració publicoprivada*. Barcelona: Aula Barcelona (Model Barcelona, Quaderns de gestió, 8, Modelo Barcelona). Cuadernos de gestión, 8, 2000.
- RYDELL, Robert. Expositions et Utopie. *Progression The BIE Newsletter*. Paris n. 1, p. 4. 2006.
- SANCHEZ, Carlos. Más de 900.000 viviendas construidas en los años del 'boom' inmobiliario están vacías. Disponibles dans: <http://www.cotizalia.com/cache/2008/08/28/noticias_50_900000_viviendas_construidas_inmobiliario_estan.html>. En ligne, consulté le 11/01/11.
- SERVANT, Claude; TAKEDA, Ippai. *Study on the impact of International Expositions*. Paris: B.I.E., 1996.
- SOLA-MORALES, Ignasi. L'Exposició internacional de Barcelona 1914-1929 com a instrument de política urbana. *Recerques*, Barcelona, n. 6, p. 131-145, 1976.
- SOLA-MORALES, Ignasi, *La Exposició Internacional de Barcelona 1914-1929: Arquitectura y Ciudad*, Barcelona : Feria, 1990.
- UNESCO. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. Disponibles sur: <<http://portal.unesco.org>>. En ligne, consulté le: 20 juillet 2011.
- VERDIER, Marie. La mondialisation a relancé les expositions universelles, *La Croix*, Paris, 23 avr. 2010.